

MORTE DO PETRODÓLAR: UM LEGADO DE BIDEN

Por M. K. Bhadrakumar*



O príncipe herdeiro da Arábia Saudita, Mohammed bin Salman e o presidente dos EUA, Joe Biden, em Jeddah, Arábia Saudita, em 16 de julho de 2022 (Corte Real da Arábia Saudita/Agência Anadolu).

Há um desconforto crescente entre as elites dos EUA à medida em que o peso esmagador da dívida afunda a economia americana.

O *Deep State* deveria ter estado alerta há cinco anos, quando o candidato Joe Biden anunciou que, se fosse eleito presidente, estava determinado a fazer com que os governantes sauditas “pagassem o preço e faria deles, de fato, os párias que são”.

Biden foi direto ao ponto de ser brutal com a família real saudita, dizendo que havia “muito pouco valor social redentor no atual governo da Arábia Saudita” sob o governo do rei Salman.

Mas, em vez disso, o *Deep State* ficou encantado por Biden ser o homem certo para suceder a Donald Trump e reverter a prática da era Trump de perdoar as violações dos direitos humanos sauditas, a fim de preservar empregos na indústria armamentista americana.

Biden provavelmente já sabia que a inteligência americana havia concluído sobre o papel de Mohammed bin Salman, o príncipe herdeiro saudita e líder *de facto* do país, no assassinato do jornalista dissidente Jamal Khashoggi, que era um “ativo estratégico” da CIA por conduzir a próxima sucessão saudita e a subsequente

mudança de regime para um final feliz. A decapitação de Khashoggi prejudicou o plano de Washington para instalar um governante flexível em Riad.

Hoje, tudo isso é história. Mas, ao contrário dos Bourbons, a realeza saudita nunca esquece ou perdoa. Eles também têm paciência infinita e seu próprio conceito de tempo e espaço. E no último domingo, 9 de junho, eles atacaram.

Em grande estilo real, no domingo passado, Riad simplesmente deixou expirar o acordo de petrodólares de 50 anos entre os EUA e a Arábia Saudita.

Para recapitular, o termo “petrodólar” refere-se ao papel central do dólar americano como moeda utilizada para transações de petróleo bruto no mercado mundial, de acordo com o acordo entre os EUA e a Arábia Saudita, que remonta a 1974, pouco depois de os EUA abandonarem o padrão-ouro.

Na história das finanças globais, poucos acordos trouxeram tantos benefícios como o pacto do petrodólar trouxe para a economia dos EUA. Em sua essência, o acordo estipulava que a Arábia Saudita fixaria o preço das suas exportações de petróleo exclusivamente em dólares americanos e investiria suas receitas petrolíferas excedentes em títulos do Tesouro dos EUA – e, em uma troca, os EUA forneceriam apoio militar e proteção ao reino.

O acordo “ganha-ganha” garantiu que os EUA ganhassem uma fonte estável de petróleo e um mercado cativo para sua dívida, enquanto a Arábia Saudita assegurava a sua segurança econômica e global. Por sua vez, a denominação do petróleo em dólar elevou o estatuto do dólar como “moeda de reserva” mundial.

Desde então, a procura global de dólares para a compra de petróleo ajudou a manter a moeda forte, não só tornou as importações relativamente baratas para os consumidores americanos, mas, em termos sistêmicos, o influxo de capital estrangeiro nas obrigações do Tesouro dos EUA apoiou taxas de juro baixas e robustas obrigações de mercado.

Basta dizer que a expiração do acordo EUA-Saudita de 1974 sobre “petróleo por segurança” tem implicações de longo alcance. No nível mais óbvio, destaca a mudança na dinâmica de poder no mercado petrolífero com o surgimento de fontes alternativas de energia (por exemplo, energias renováveis e gás natural) e novos países produtores de petróleo (por exemplo, Brasil e Canadá) desafiando o domínio tradicional da Ásia Ocidental. Mas esta é mais a ótica disso.

Crucialmente, a expiração do petrodólar poderá enfraquecer o dólar americano e, por extensão, os mercados financeiros dos EUA. Se o preço do petróleo fosse fixado em uma moeda diferente do dólar, poderia levar a um declínio na procura global do dólar, o que, por sua vez, poderia resultar em uma inflação mais elevada, taxas de juro mais elevadas e num mercado obrigacionista mais fraco nos EUA.

Basta dizer que, daqui para frente, podemos esperar uma mudança significativa na dinâmica do poder global com a influência crescente das economias emergentes, a mudança no cenário energético e uma mudança tectônica na ordem

financeira global à medida que esta entra numa era “pós-americana”. O resultado final é que o domínio do dólar americano já não está garantido.

Não há dúvida de que a Arábia Saudita tem um roteiro elaborado. Quatro dias antes do término do acordo de troca de petróleo por segurança, a *Reuters* informou que a Arábia Saudita se juntou a um teste transfronteiriço de moeda digital do banco central dominado pela China, “no que poderia ser mais um passo para que menos comércio mundial de petróleo fosse realizado em dólares americanos.”

O anúncio de 4 de junho veio do Banco de Compensações Internacionais [BIS], com sede na Suíça, uma instituição financeira internacional de propriedade de bancos centrais membros. Significa que o banco central saudita tornou-se um “participante pleno” do Projeto mBridge, uma colaboração lançada em 2021 entre os bancos centrais da China, Hong Kong, Tailândia e Emirados Árabes Unidos.

O anúncio do BIS observou que o mBridge atingiu o estágio de “produto mínimo viável” – ou seja, está pronto para ir além da fase de protótipo. A propósito, 135 países e uniões monetárias, representando 98% do PIB global, estão atualmente explorando moedas digitais do banco central, ou CBDC.

A entrada da Arábia Saudita, uma importante economia do G20 e o maior exportador de petróleo do mundo, sinaliza um aumento da liquidação de mercadorias em uma plataforma fora do dólar em um cenário de curto prazo, com uma nova tecnologia por trás dela. Curiosamente, as transações mBridge podem usar o código no qual o e-yuan da China foi construído!

A intenção é modernizar os pagamentos com novas funcionalidades e fornecer uma alternativa ao dinheiro físico, que de qualquer forma parece estar em declínio terminal. A China domina o projeto mBridge e está realizando o maior piloto doméstico de CBDC do mundo, que agora atinge 260 milhões de pessoas e cobre 200 cenários, desde o comércio eletrônico até pagamentos de estímulos governamentais.

Na verdade, outras grandes economias emergentes, incluindo a Índia, o Brasil e a Rússia, também planejam lançar moedas digitais nos próximos 1-2 anos, enquanto o Banco Central Europeu começou a trabalhar em um piloto do euro digital antes de um possível lançamento em 2028.

Agora, acrescentemos a isto o plano diretor da Rússia para criar um novo sistema de pagamentos BRICS, ignorando completamente o dólar. A Bolsa de Valores de Moscou anunciou na quarta-feira que deixará de negociar dólares e euros a partir de quinta-feira, 13 de junho.

Assim, a expiração do acordo entre os EUA e a Arábia Saudita no fim de semana passado é emblemática de um desafio em cascata de vários quadrantes à preeminência do dólar como “moeda de reserva” à vontade, vivendo muito além das suas possibilidades e impondo a hegemonia global dos EUA.

Há um desconforto crescente entre as elites dos EUA quanto ao fato de a boa vida poder estar terminando à medida em que o peso esmagador da dívida afunda a economia americana. Em uma entrevista ontem à CNBC, a secretária do Tesouro, Janet Yellen, alertou que as elevadas taxas de juro também estão aumentando o fardo, à medida em que os EUA gerem a sua enorme carga de dívida de 34,7 trilhões de dólares.

É claro que ainda não existem alternativas claras ao dólar dos EUA como principal moeda de reserva do mundo, mas o que está escrito na parede é que as tensões comerciais globais e o aumento da utilização de tarifas ou sanções poderão minar seu papel, mais cedo ou mais tarde, à medida em que as preocupações dos investidores estrangeiros estão aumentando sobre a sustentabilidade da dívida pública da América.

A FitchRatings observou ontem que “os grandes déficits primários e os custos mais elevados do serviço de juros manterão o peso da dívida soberana dos EUA aumentando depois das eleições de novembro, independentemente de quem ganhar”.

Em suma, o que até agora parecia uma rivalidade geopolítica sobre a expansão da OTAN e Taiwan – ou a definição de padrões comerciais/tecnológicos na Quarta Revolução Industrial – está assumindo uma dimensão existencial para Washington, à medida em que o futuro do dólar está em jogo. Há indícios suficientes que atestam movimentos coordenados de Moscou e Pequim para acelerar o processo de “desdolarização”.

Por um lado, a Rússia está fazendo todos os esforços para apresentar ao mundo, na próxima cúpula dos BRICS, em outubro, um sistema de pagamentos não-dólar para liquidar o comércio, enquanto, por outro lado, a China está sistematicamente despejando suas participações em títulos do tesouro dos EUA que lhe dará uma mão mais livre quando chegar a hora da crise.

Publicado no [Indian Punchline](#).

**M. K. Bhadrakumar foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afeganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.*
